

Antinazifascismo, Antivarguismo, esquerdismos e outros escritos nos textos dos correspondentes da FEB, Joel Silveira, Rubem Braga e Egydio Squeff (1944-1945)

Anti-Nazi fascism, Anti-Varguism, left-wing and other writings in the texts of FEB correspondents Joel Silveira, Rubem Braga and Egydio Squeff (1944-1945)

Helton Costa

Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, licenciado em História e doutor em Comunicação e Linguagens, com estágio pós-doutoral em História. Comunicador Social na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Resumo: este estudo analisa a produção jornalística dos correspondentes de guerra Joel Silveira, Rubem Braga e Egydio Squeff sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália (1944-1945). Defende-se que, além da cobertura factual, os jornalistas usaram estratégias discursivas, que lhes permitiram contornar a censura do Estado Novo para veicular críticas ao governo Getúlio Vargas e ao nazifascismo, enquanto promoviam uma agenda progressista que muito se aproximava de suas convicções ideológicas socialistas e comunistas.

Palavras-chave: jornalismo; correspondentes de guerra; FEB, anti-nazifascismo; militância.

Abstract: This study analyzes the journalistic production of war correspondents Joel Silveira, Rubem Braga, and Egydio Squeff on the Brazilian Expeditionary Force (FEB) in Italy (1944-1945). It argues that, in addition to factual coverage, these journalists used discursive strategies that allowed them to circumvent the censorship of the Estado Novo (New State) to criticize the Getúlio Vargas government and Nazi-fascism, while promoting a progressive agenda closely aligned with their socialist and communist ideological convictions.

Keywords: journalism; war correspondents; FEB, anti-Nazi-fascism; activism.

Introdução

Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) já em curso, o Brasil se viu envolvido no conflito a partir de dezembro de 1941, quando o conflito chegou às Américas, após o ataque japonês a Pearl Harbour, o que fez com que o governo brasileiro, até então oficialmente neutro, tomar posição favorável aos aliados devido a acordos preexistentes de defesa continental.

Da declaração de guerra em 1942 até a criação e envio de uma Força Expedicionária Brasileira (FEB), com mais de 25 mil soldados, aviadores e enfermeiras para o front europeu, passaram-se aproximadamente dois anos, com os brasileiros entrando em combate em setembro de 1944. Dos 25.334¹ militares enviados, mais de 15.000 atuaram diretamente em combate, enquanto o restante compunha as forças de reserva e os serviços de retaguarda, essenciais para a sustentação das operações. (MASCARENHAS DE MORAES, 1947, p.77-99).

O balanço final da campanha registra um legado de dezenas de localidades libertadas, com Monte Castello, Montese, Castelnuovo di Vergato e Collecchio/Fornovo di Taro passando a fazer parte da história militar brasileira. A FEB fez um total de 20.500 prisioneiros capturados e causou milhares de baixas entre mortos e feridos inimigos. O custo humano para o Brasil foi de 11.618 baixas, levando em conta os feridos em ação, desaparecidos, acidentados e doentes enviados para hospitais (incluídos também os 467 mortos em solo italiano) (Mascarenhas de Moraes, 1947, p. 303).

1 Correspondente de guerra: de testemunha a agente político

Para conhecer o trabalho dos correspondentes das nações que se envolveram na Segunda Guerra Mundial, uma das fontes mais utilizadas e mais fidedignas, são os escritos de Philip Knightley, em “A Primeira Vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos” (1978). O autor buscou explicar de maneira cronológica como jornalistas se envolveram em coberturas de guerra da Crimeia (1853-1856) ao Vietnã (1955-1975), trazendo estudos de caso de como a profissão precisou se reinventar ao longo das décadas e de que maneira fatos podem tomar aspecto de narrativas dependendo do lado que as produz.

Ainda que não fale sobre a participação brasileira e nem das guerras internacionais em que o país esteve envolvido (Guerra do Paraguai, Primeira e Segunda Guerra Mundial), Knightley (1978) evidencia que o papel dos jornalistas no maior conflito do século XX era fruto de um amadurecimento ao longo do tempo, que trazia uma profissionalização do próprio campo em questão. Como defende Costa (2024), em cenários de guerra total a imprensa se vê compelida ou faz a escolha consciente, de se tornar uma arma de guerra a serviço de um dos lados beligerantes, tanto por questões ideológicas e/ou financeiras, quanto porque o Estado assim ordena legalmente ou de forma implícita (Costa, 2024).

Na Alemanha nazista, por exemplo, havia a Propagandakompanien (PK), com unidades de jornalistas que recebiam treinamento militar e de guerra psicológica, que faziam deles instrumentos do regime para buscar estabelecer pontos de vista ou reforçar os já existentes. Foi a versão da PK que moldou a percepção do conflito pelo lado alemão e que até hoje serve de registro de como foram aqueles dias em que o Reich tentava de toda forma manter-se no poder. (KNIGHTLEY, 1978, pp. 280-282).

1. Excluídas as 67 enfermeiras e os 470 homens da FAB.

Knighthley (1978, p.308-312) também pontua que no início do conflito do lado Aliado, a censura era extremamente rígida, muito por conta de um histórico de correspondentes que em outros conflitos exageravam nos fatos ou apresentavam conteúdo fora do padrão estabelecido como aceitável pelo Estado. A Batalha da Inglaterra (1940) e a entrada dos Estados Unidos na guerra (1941) fizeram com que as informações fossem mais disseminadas e com que a imprensa como um todo, passasse a ser vista como ferramenta de guerra a ser utilizada frequentemente e com mais afinco.

Enquanto isso, Kinghtley (1978, p.310-312), registra que no lado soviético a censura não foi afrouxada e havia uma centralização nas decisões do que podia ser dito ou não, inclusive com omissões propositais e um verdadeiro silenciamento para a população como um todo. Era proibido ter um rádio, por exemplo. O mesmo acontecia com o Japão imperial, não havendo caminho fácil para a circulação de qualquer notícia que não fossem comunicados oficiais. Em todos os casos, era o Estado quem controlava o fluxo informativo, o campo de batalha narrativo, onde a informação era um recurso estratégico a ser gerenciado, controlado e, quando necessário, distorcido, reforçando o que Costa (2024) chamou de “jornalismo como arma de desestabilização social”.

1.1 O front da FEB tinha suas próprias regras

Os correspondentes brasileiros que partiram para cobrir a FEB na Itália, estavam subordinados aos “Regulations for Correspondents Accompanying U.S. Army Forces in the Field”, produzido e distribuído pelo Departamento de Guerra americano em 1942. Para ser considerado correspondente, bastava que profissionalmente os interessados exercessem as funções de jornalistas, fotógrafos, radialistas ou ilustradores. Uma vez que fossem aceitos como parte do esforço de guerra aliado sob a jurisdição norte-americana, ficariam submetidos à lei militar dos Estados Unidos e à Convenção de Genebra de 1929. Com isso faziam jus a transporte, alojamento, procedimentos logísticos em geral, desde a alimentação até os cuidados médicos. No entanto, ao aceitar tais facilidades e regras, de certa forma abriam mão de poderem escrever o que bem entendessem, já que atuariam baixo um rigoroso sistema de censura de campo (COSTA, 2019, p.12-15).

Os censores eram capacitados para evitar a divulgação de informações estratégicas, como a localização de tropas ou planos de batalha, mas também suprimir qualquer conteúdo considerado “injurioso” ou “embaraçoso” para os Estados Unidos, seus aliados ou países neutros. Inclusive, não deveriam ser noticiados sem autorização prévia, relatos de baixas ou atos de heroísmo eram embargados por 24 horas. A mesma censura valia para as fotografias, que deveriam ser reveladas em estruturas militares criadas com essa finalidade e após estrita liberação da inteligência militar. (COSTA, 2019, p.12-15).

Com todas essas regras, era comum e mesmo incentivado que os jornalistas exercessem autocensura, já que se tornavam totalmente dependentes das forças armadas para exercer seu trabalho.

A imprensa brasileira no front tinha um desafio a mais do que o regulamento americano. É que as notícias e fotos passavam por mais dois outros filtros: a censura da FEB e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo capitaneado por Getúlio Vargas, em pleno Estado Novo, em vigor desde 1937, que se assemelhava a uma ditadura.

Partiu do DIP a autorização ou não para que jornalistas acompanhassem as ações de combate no front. Conforme relata Rubem Braga (1996), o governo de um regime ditatorial sentia-se constrangido em guerrear contra o fascismo, e a escolha dos jornalistas que acompanhariam a FEB foi marcada por critérios “evidentemente políticos” (XAVIER DA SILVEIRA, 1989, p. 125). Críticos do regime, como Carlos Lacerda, foram vetados.

Foi a pressão dos grandes barões da imprensa – Roberto Marinho (O Globo), Assis Chateaubriand (Diários Associados) e Paulo Bittencourt (Correio da Manhã) – que forçou o DIP a ceder, ameaçando um boicote informativo sobre a FEB (SILVEIRA, 2005, p.16-17 e Silveira, 1999).

Primeiro partiram assessores do DIP, assessores e jornalistas americanos (que foram remanejados de suas funções na Itália para dar atenção à FEB) e em seguida Rubem Braga, Eglydio Squeff, Raul Brandão e, mais tarde, Joel Silveira.

No início os jornalistas enfrentaram a desconfiança do comando da FEB, muito em razão da imagem criada pelo DIP e propaganda entre o oficialato militar, de que a imprensa nacional poderia ser contrária à Força Expedicionária, estando presente muito mais para mostrar os defeitos do que as qualidades da tropa, em um claro desconhecimento do Departamento sobre como utilizar o jornalismo como arma de guerra psicológica em prol do Estado.

Esse descompasso entre a ideia negativa referente à imprensa e a atuação dos jornalistas em si, só foi desfeito em janeiro de 1945, após um jantar entre comandantes da FEB e os jornalistas, que certamente já tinham sido investigados pelo DIP quanto às suas posições e opiniões políticas, ainda no Brasil. “Daquele dia em diante o general Mascarenhas passou a nos tratar como amigos” (SILVEIRA, 2005, p. 17).

Uma vez que o comando demonstrou confiança nos jornalistas, eles puderam contar com um jipe para transportá-los, um oficial para ficar responsável em atendê-los, um sargento para dirigir pelas estradas de ligação ao front e o principal, a autorização para que pudessem entrevistar e fotografar quem bem entendessem.

Era uma falsa sensação de liberdade, uma vez que eles tinham autonomia relativa para produzir, porém, a censura é quem decidiria se o conteúdo seria publicado ou não. Da mesma maneira, as visitas eram guiadas, evitando-se as frentes avançadas e priorizando as mais calmas. Isso não quer dizer que o trabalho dos correspondentes fosse mais tranquilo, como fica demonstrado em coberturas próximas à Castelnovo di Vergato (Soprassasso) e Montese, quando eles foram apanhados em meio a bombardeios junto com os pracinhas.

Ainda assim, a presença dos jornalistas próximos ao front fez com que o jornalismo praticado fosse mais humano, focado mais nos soldados do que nos oficiais e nos comunicados oficiais. Tal abordagem fez com que os combatentes aceitassem os jornalistas e os conferiu um papel de pontes entre o cotidiano militar na Itália e o mundo civil no Brasil.

2. O recorte do trabalho

Para a verificação dos escritos jornalísticos quanto a terem discursos próximos de valores mais sociais e, portanto mais próximos do progressismo característico das esquerdas, foram separados textos de três dos cinco² correspondentes mais à esquerda da FEB: Joel Silveira,

2. Raul Brandão e Horácio Gusmão Coelho também poderiam ser encaixados neste espectro político, porém, por uma escolha metodológica de maior volume de produção, optou-se por Joel, Rubem e Eglydio.

Rubem Braga e Egydio Squeff, pelo fato de que os mesmos abertamente assumiram suas posições políticas antes ou após a Segunda Guerra, o que pressupõe que já professavam suas ideologias anteriormente, tendo apenas fortalecido suas convicções durante o tempo de permanência na Itália.

2.1 Os três jornalistas

2.1.1 Joel Silveira

Joel Magno Ribeiro Silveira era natural de Lagarto, no Sergipe e tinha 26 anos quando foi enviado para a guerra. Foi o último dos três pesquisados a chegar à Itália, tendo desembarcado em dezembro de 1944, junto ao quarto escalão.

Desde a juventude tinha um histórico de participação em movimentos políticos. Tanto que começou a escrever em jornais aos 16 anos, ainda na cidade natal, onde fez parte de O Atheneu. Ele também tentou voluntariar-se, aos 17 anos, para combater as tropas de Franco na Guerra Civil Espanhola, sendo impedido pela necessidade de consentimento paterno (Moraes Neto e Silveira, 1990, p.390).

Transferiu-se para a capital do país na época, o Rio de Janeiro, na busca de firmar-se como escritor e aos 19 anos já trabalhava no semanário literário Dom Casmurro. Ali militava em prol de ideais de esquerda, muito por conta da convivência com comunistas e socialistas que faziam parte do quadro de colaboradores da publicação como fica claro no livro “Na fogueira: memórias” (Silveira, 1998). Tanto que quando o Estado Novo foi decretado, foi grande o temor por uma prisão dele e dos colegas, todos anti-varguistas (Silveira, 1998, p. 10-12).

O resultado dessa convivência com ideais mais progressistas, foi certa admiração pelo comunismo, o que fez com que Joel fizesse uma leitura errada do alinhamento entre a União Soviética e os nazistas na invasão da Polônia e o Pacto Germano-Soviético, período identificado pelo pesquisador Danilo Ferrari (2012), entre 1939 e 1940, quando Joel colaborou com o suplemento cultural do jornal Meio-Dia, um periódico de orientação pró-Alemanha.

Anos depois, um Joel mais amadurecido se arrependeria daquele período em que quase toda a esquerda brasileira, moderou de forma sistemática a investida autoritária de Stálin contra os poloneses e fez acordos com Adolf Hitler. Joel descreveu sua participação e a atuação dos colegas como um “grande equívoco” e uma “patifaria”, descrevendo-o como uma “mancha” indelével em sua consciência, uma “espinha na garganta” que precisou expurgar em seus livros de memórias. Por outro lado, tanto ele quanto Rubem Braga se recusaram a aceitar dinheiro de agentes do Reich para escrever à favor do Reich e/ou propagandas antiamericanas e antibritânicas, mostrando que não era porque ele maneiava nas críticas à URSS, que era favorável à Alemanha (Moraes Neto e Silveira, 1990, p.379-410).

O mesmo valia por ser anti-Vargas, o que demonstrava nas entrelinhas da revista Diretrizes, de Samuel Wainer, fechada durante o Estado Novo, por ser crítica ao governo central.

Joel foi para a Itália quando estava em um momento profissional extremamente positivo, após ser contratado por Assis Chateaubriand nos Diários Associados, depois de uma reportagem ainda em Diretrizes, sobre a vida da elite paulistana, apresentada no texto “Grão-finos em São Paulo”. (Ferrari, 2012, p.143-146). Dos dias na Itália, nasceram duas obras: “Histórias

de Pracinhas”, de 1945 e a republicação de parte delas em “O inverno da Guerra” (2005). Após a guerra, Silveira enfrentou instabilidade profissional, incluindo uma breve e frustrada passagem pelo projeto de Samuel Wainer que sucedeu a Diretrizes. Trabalhou por longos períodos em veículos como Correio da Manhã, Diário de Notícias e Manchete.

Durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), Joel foi preso cinco vezes, sempre sob a acusação de ser subversivo. Nunca negou ser de esquerda, optando por definir-se como “socialista democrático” e opositor ao regime (Portari, 2005). Já idoso, nos últimos anos de vida, se declarava apoiador do sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, embora crítico de sua presidência (G1, 2007). O jornalista faleceu em 20017.

Postumamente, sua família enfrentou uma batalha judicial contra a Advocacia-Geral da União (AGU), que cassou a pensão de ex-combatente de sua viúva, Iracema, sob o argumento de que Silveira era correspondente, e não combatente, um epílogo irônico à sua dedicação à causa dos pracinhas.

2.1.2 Egydio Squeff

Egydio Squeff era natural de Jaguarão, Rio Grande do Sul, e tinha 33 anos quando foi para a Itália. Nunca escondeu sua militância política junto ao Partido Comunista do Brasil (PCB). Começou escrevendo na imprensa em 1934, no Correio do Povo, de Porto Alegre. Como se destacou, logo recebeu oportunidade de transferir-se para São Paulo, onde colaborou com o semanário Diretrizes, e posteriormente mudou-se para o Rio de Janeiro, integrando a redação de O Globo.

Ao mesmo tempo em que escrevia para jornais comerciais, também se dedicava à escrita em jornais partidários como o Tribuna Popular, um dos principais órgãos de imprensa do PCB. Sua filiação política o colocou sob a mira do Estado Novo de Vargas; em 1940, seu nome constava no Diário Oficial da União como “escriturário suplementar”, uma posição burocrática que possivelmente mascarava uma forma de vigilância ou acomodação de jornalistas de oposição em jornais alinhados ao governo.

Foi enviado com o terceiro escalão da FEB, em setembro de 1944 e além de notícias para O Globo, colaborava com o suplemento O Globo Expedicionário e em 1945, com boletins para a recém inaugurada Rádio Globo.

No pós-guerra continuou militante, atuando no Última Hora, de Samuel Wainer e, por fim, na Agência Nacional, onde se aposentou. O Tribuna Popular continuou sendo sua segunda ocupação. Atuou na frente pela libertação de Samuel Malina, um ex-combatente da FEB e dirigente do PCB que havia sido preso sob acusações forjadas (Costa, 2019, p.75). Porém, a vida de Egydio vida foi marcada por uma saúde frágil, tendo enfrentado enfermidades como diabetes, tuberculose e cirrose. Egydio Squeff faleceu no Rio de Janeiro em 22 de abril de 1973, aos 61 anos, vítima de uma hemorragia no esôfago.

2.1.3 Rubem Braga

Rubem Braga nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo e tinha 31 anos quando foi colocado junto à FEB. Ficou conhecido profissionalmente, por ser um cronista e não escrever os textos da FEB de modo factual. O contato com a política vinha de casa, pois,

seu pai era do partido anti-Vargas, quando ele ainda se articulava para assumir o poder, em 1930. Tal posicionamento da família valeu uma série de perseguições a Rubem.

Começou ainda adolescente escrevendo para o Correio do Sul, que pertencia a um dos irmãos dele. Profissionalmente, entrou para a carreira de jornalista em Belo Horizonte, para onde havia se transferido para cursar Direito. Ali, era correspondente dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Foi nesse período que conheceu Zora Seljan, militante comunista que se tornaria sua esposa e mãe de seu único filho, Roberto.

Cobriu a Revolução Constitucionalista de 1932, colaborou com jornais de esquerda, como a Folha do Povo em Recife e Amanhã, no Rio de Janeiro, tendo sido perseguido sistematicamente durante o Estado Novo, sendo forçado a viver na clandestinidade, mudar-se constantemente e escrever sob pseudônimos para evitar a prisão (Costa, 2019, p.100-102).

Foi pelo Diário Carioca que Rubem cobriu a guerra. Seus textos eram mais longos, mais humanos e verdadeiras crônicas, quanto ao estilo literário. Muito disso se deve ao estilo escolhido por ele, mas, também à logística na qual esteve submetido, pois, enquanto Joel e Egydio tinham facilidade de envio de conteúdo para o Brasil, por franquia da FEB, Rubem não disponibilizava do mesmo benefício e tinha que juntar conteúdo para enviar uma ou duas vezes por semana.

No pós-guerra, foi correspondente internacional em Paris para jornais como O Globo e Correio da Manhã, e exerceu cargos diplomáticos como embaixador do Brasil no Chile e em Marrocos. Durante a Ditadura Civil-Militar, instaurada em 1964, precisou se esconder para não ser preso, como acontecera com Joel Silveira, por exemplo, uma vez que não tinha a proteção política por parte dos empregadores, da qual dispunha Egydio Squeff. Para manter-se longe das grades, aderiu à autocensura, com um tom menos abertamente político, focando-se em temas mais universais e existenciais, embora a crítica social permanecesse implícita em sua obra (Costa, 2019, p.103).

Nas décadas de 1970 e 1980, Braga adaptou-se a novas mídias, colaborando com a TV Globo, onde suas crônicas eram lidas e ilustradas no Jornal Hoje. Chegou a colaborar com O Estado de S. Paulo, mas, rompeu temporariamente em 1989 por discordar do apoio do jornal à candidatura de Fernando Collor (Costa, 2019, p.104).

Faleceu em 19 de dezembro de 1990, no Rio de Janeiro. Rubem nunca foi filiado ao partido comunista, mas, era tido como tal. No entanto, esteve ao lado de Joel Silveira na fundação do Partido Socialista Brasileiro, em 1947 (Fundação João Mangabeira, 2011), tendo deixado a militância anos mais tarde.

3. Os textos dos correspondentes

3.1 Os textos de Joel

Joel Silveira reuniu seus textos publicados por ocasião de sua participação como correspondente de guerra, no livro “Histórias de Pracinhas”, da editora Leituras, já no final de 1945, poucos meses depois de ter voltado para o Brasil.

A editora advertia que muitos daqueles textos não haviam sido publicados no Brasil, como por exemplo, as entrevistas com prisioneiros alemães. Porém, cremos que tenha sido um

equivoco, já que foram encontradas reportagens com tal teor em jornais da época e mesmo no arquivo da censura da FEB, no Arquivo Histórico do Exército.

No livro citado, já na introdução, Joel deixa claro o que viria durante a obra, em que haveria alguns palpites equivocados, segundo ele, “quatro ou cinco”. “Deve haver também muita paixão, alguma conclusão apressada, sentimentalismos e incompreensões. Mas tudo será perdoado acredito, porque nessa vida os repórteres são assim”. (SILVEIRA, 1945, p. 9)

Na primeira reportagem, escrita ainda a bordo do navio de transporte, Joel fez acenos de que trataria a guerra de forma não oficial, mas como um observador que às vezes, como anunciara na introdução, palpitaria sobre alguma coisa. Essa aversão ao não convencional se mostra na própria postura do jornalista, que admitia ter problemas em utilizar os uniformes dentro do regulamento, e em observar as hierarquias quando cumprimentado por soldados e oficiais (Silveira, 1945, p. 13-15).

Uma evidência do pensamento socialista de Joel, ainda dentro do navio no Brasil, é que na crônica “A carta do pracinha Félix” (Silveira, 1945, p.28), ele cita, por exemplo, André Maulrax, que até o final da guerra foi tido como um dos expoentes da esquerda antifascista na Europa, ainda que depois da guerra tivesse ido para o lado do general de Gaulle e se tornado ministro da direita.

Naquela ocasião, o Félix em questão, era um estudante do 5º ano de Direito antifascista, a quem ele elogiou dizendo que o jovem tinha um coração forte para enfrentar os fascistas. “Felix tem seu fuzil e tem seu coração cheio de fogo. É um pracinha bem armado e pracinhas assim não podem ser derrotados. Podem morrer, mas não podem ser derrotados” (Silveira, 1945, p.30).

Os partigiani ocupam um bom espaço quando Joel precisa falar dos valores de esquerda. Ele os utiliza como artifício para contar sobre o fascismo e seus males e também para falar da coragem daqueles homens que em sua maioria eram de esquerda, tanto socialistas, quanto comunistas (Colloti, Sandri e Sessi, 2020 e Costa, 2021, p.11).

Homens simples ganham destaque na crônica “Florença não é Guaratinguetá”. Nela, Joel diz que “nossos pracinhas e nossos oficiais não querem palmas nem louvores antecipados. Querem apenas compreensão. Eles estão num duro inverno, enterrados na neve, e uma carta cheia de compreensão e conforto aquece mais do que a melhor das lareiras” (Silveira, 1945, p. 52).

Joel também entrevistou o cabo Carlos Scliar (Silveira, 1945, p.80), que no Brasil da época já era tido como alguém de esquerda e o major Henrique Oest (Silveira, 1945, p. 144), que mais tarde foi até eleito pelo partido comunista no Brasil. A escolha de fontes também evidencia que havia a possibilidade de driblar a censura e dar espaço para quem tivesse maior afinidade ideológica com as esquerdas. Tais espaços poderiam ser utilizados para comunicações cifradas entre combatentes comunistas/socialistas da FEB e do Brasil ou vice-versa. Porém, não há informações de como essa troca de mensagens funcionava, apenas que existia, conforme atestado por Jacob Gorender (Costa e Pimentel, 2023, p. 44)

No texto com o major Oest, o correspondente estava com Rubem Braga e Egydio Squeff, o que ele não revelou, mas, que ficou evidente quando os dois amigos escreveram sobre a mesma visita. No texto publicado, Joel deu pistas de como as coisas eram decididas pelo oficial e seus subordinados. A palavra democracia, por exemplo, estava escrita em grandes letras em uma porta e:

“um aviso datilografado, um pouco abaixo, nos avisa que todas as dificuldades entre superiores e inferiores são aqui resolvidas através de trocas de pontos de vista de acordo com a opinião da maioria. É uma maneira antiga, porém bela de resolver impasses e determinar tarefas”. (SILVEIRA, 1945, p.145)

E a observação dele é confirmada por outro relato, do filho do tenente, Manoel Collares Chaves Filho, da 9ª Companhia, do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, que agia exatamente da mesma forma que seu superior, o próprio major Oest. (Costa e Pimentel, 2023, p.35)

A visita à Oest ocorreu em um momento político em que o DIP apresentava fissuras que culminariam com sua extinção em fins de maio daquele ano, quando após o “Manifesto dos Mineiros”, em fevereiro, o próprio Estado Novo já estava ruindo e a censura havia sido retirada quase que por completo no território nacional. Por isso, falar em igualdade entre oficiais e soldados era um ato de enfrentamento ao regime cambaleante, mas, ainda vivo.

Joel já vinha criticando indiretamente o regime Vargas desde janeiro de 1945, quando no texto “A censura fascista”, acusava Vargas de um fascismo velado. Nele, Joel Silveira se mostrava bastante enojado com o fato da censura italiana ditar aquilo que deveria ou não ser publicado. Nas entrelinhas, era a crítica ao trabalho do DIP no Brasil, que agia de forma muito parecida (Silveira, 1945, p.174).

Já na crônica “Os bons amigos” (Silveira, 1945, p.182), Joel relatou vários jornais socialistas e comunistas, o que poderia ser uma afronta para o governo brasileiro, que não gostava de dar espaços às discussões políticas que citassem esses partidos mais à esquerda. E na crônica “Mezzasoma contra o Brasil”, o jornalista expôs a forma pela qual o ministro da Cultura Popular de Mussolini, Fernando Mezzasoma, censurava e escondia informações do noticiário naquele país. Joel estava utilizando novamente o fascismo italiano para contrapor o DIP no Estado Novo, que tinha práticas idênticas de censura (Silveira, 1945, 183-185).

Em outro momento, na crônica “Os olhos da nova Itália” (Silveira, 1945, p.189-192), Joel em companhia do pracinha Hilton Gregório Lobato, e do guia Francesco (que era partigiani), se encontraram com um grupo de comunistas e de socialistas em Pistoia, também no mês de janeiro de 1945, ou seja, antes do DIP ter abrandado a censura. Ali ele fez uma grande entrevista com todos que já haviam lutado contra os fascistas, finalizando com elogios ao movimento de resistência italiano, que como dito, tinha maioria comunista e socialista em seus quadros.

Já no artigo “Imprensa clandestina” (Silveira, 1945, p.200-202), Joel fala sobre a circulação de jornais em uma Itália fascista, e como isso surtia resultado na população, elencando os principais informativos das correntes políticas que disputavam poder no país, com ênfase para os socialistas e comunistas.

Em outra ocasião, no texto “Fichário de polícia” (Silveira, 1945, p. 224-226), Joel abordou as práticas da polícia fascista ou polícia política de Mussolini, que detinha os nomes dos inimigos do regime, com as fichas sobre cada um deles. O jornalista chegou a imaginar que a polícia de Vargas tinha o mesmo comportamento e que certamente tinha uma ficha dele também “com retratinhos e qualidades deste correspondente, brinde da polícia do major Filinto Müller, creio. (SILVEIRA, 1945, p.226)

Novo ataque ao DIP se deu na crônica “Outra vez o telefone de Mezzasoma”, quando ele fez um paralelo entre o que andava vendo sobre a censura italiana e a censura brasileira (Silveira, 1945, p.231). Joel tinha informações de que os jornais no Brasil já divulgavam os detalhes sobre como a censura era feita aos jornais do país e, por isso, julgava conveniente continuar contando sobre a censura fascista, de modo que o leitor pudesse comparar as coisas nos dois países, “uma cópia fiel do Ministério da Cultura Popular, e de como a censura brasileira se inspirou na técnica da sessão de imprensa daquele ministério, dirigida pela alma danada de Fernando Mezzasoma. (SILVEIRA, 1945, p. 232)

O último texto de Joel Silveira na Itália, escrito quando se deslocava para pegar o avião que lhe deixaria no Brasil, chegou por meio de um despacho enviado de Roma em 15 de maio de 1945 e foi resultado dele ter percorrido várias cidades, entre as quais Milão, Turim, Gênova, Verona, Brescia, Piacenza e Parma, onde fora bem recebido por grupos partigiani, sempre entoando a música Bandiera Rossa. Em um texto elogioso sobre a resistência italiana, Joel fala das entrevistas que fez e chega a colocar um trecho da música que ele ouvia a cada instante, justamente a parte que diz “avante povo a luta, a bandeira vermelha triunfará” (Silveira, 1945, p.273), relatando que todos os saudavam com os punhos fechados, símbolo do antifascismo.

Porém, é no último parágrafo da reportagem, que o Joel Silveira já socialista convertido ou socialista reenergizado com o combate ao fascismo na Itália escreveu que em poucos dias deixaria a Itália e que levava consigo a certeza de que os italianos (partigiani), não permitiriam o retorno do fascismo:

A penhora desta certeza são esses milhares de jovens, saídos do povo, que estão afofando a reação num justo mar de sangue, já que como me afirmou aquele estudante em Piacenza, “não há diferença nenhuma entre o fascista e um porco”. (SILVEIRA, 1945, p.274)

Quando publicou seus textos novamente, décadas depois, em 2005, a coletânea “O inverno da Guerra”, onde quase todas as reportagens de “Histórias de pracinhas” foram republicadas, esse trecho dos despachos e outras partes elogiosas aos partigiani foram tiradas. Era um Joel já idoso, censurando aquele jovem Joel idealista de 1945.

3.2 Os textos de Rubem Braga

O texto de Rubem mostra, nas entrelinhas, uma preocupação do jornalista em retratar as pessoas simples e não os oficiais ou as grandes ações, com preferência a não destacar a figura do heróico soldado brasileiro, mas de gente simples que por alguns meses emprestou e colocou à disposição do país o que tinha de mais valioso, a própria vida. Essa era uma preocupação comum entre os correspondentes, de fugir do lugar comum e elogioso das grandes operações e dos oficiais, para deixar as histórias mais próximas de quem as lia, e longe dos grandes comandantes, como era costume no Brasil, perpetuando um espécie de paternalismo militar.

A busca pela proximidade com o leitor era uma prática comum também em outros exércitos e talvez o maior exemplo desse tipo de conduta seja de correspondente e Ernie Pyle, que inclusive faleceu na última fase da campanha americana no Pacífico, quando a contragosto foi cobrir a luta contra os japoneses e foi atingido por um sniper.

Rubens seguia esse estilo de humanização do soldado em detrimento dos superiores, desde a primeira crônica, quando descrevia de dentro do navio de transporte de tropas, a história dos primeiros brasileiros com quem tinha contato e que junto dele atravessavam o Atlântico. Como ele era o mais visado entre os correspondentes, pelos motivos já expostos de perseguição durante o Estado Novo e durante o governo Vargas de um modo geral, cuidava para não deixar muito explícito seu posicionamento, mas mesmo assim, com uma frase ou outra, conseguia driblar a censura e fazer alguma crítica em meio ao texto, fosse ao governo, fosse mostrando seu posicionamento mais à esquerda ou fosse ao nazifascismo.

O soldado Juan foi entrevistado em setembro de 1944. Tinha 22 anos e havia imigrado aos 14 anos para o Brasil, junto com a família. Ele era morador de Sorocaba/SP. Agora, lutava pela FEB, mas antes tinha estado com familiares junto das Brigadas Internacionais que combateram na Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Como tinha dupla nacionalidade, procurou a embaixada brasileira em Madri e se voluntariou para transferir-se ao Brasil assim que ficou sabendo que o país declarara guerra ao Eixo. No breve perfil escrito sobre Juan, Rubem conta das mazelas que o fascismo o fizera passar e de como ele estar ali era simbólico, afinal ele era um comunista devoto (Braga, 1996, p.24-25).

Rubem contava do desejo de vingança de Juan e que queria se entender com os nazistas, no sentido de dar-lhes uma desforra. “Para lutar outra vez contra os nazistas, Juan atravessou duas vezes o Atlântico. Foi de Madri ao Rio, a São Paulo e a Goiás, e agora veio a Itália. Enquanto houver nazistas no mundo, Juan andar­á atrás deles” (Braga, 1996, p.25)

Na crônica “Os moleques de Nápoles” (Braga, 1996, p.31), escrito em outubro de 1944, de novo Rubem fala sobre a gente simples que venceu os alemães, no caso, crianças e adolescentes, que faziam de tudo e agiam como adultos em meio ao desespero de uma Itália miserável, e que quando foi preciso lutar contra os alemães, os venceram (Braga, 1996, p.33)

E da mesma forma que o Joel, como forma de mostrar as virtudes daqueles que lutavam mais à esquerda e que naquele momento eram aliados da FEB, Rubem também usava os partigiani quando queria exaltar valores positivos de gente da esquerda, dizendo, por exemplo, que eles agiam em “uma perfeita disciplina existente nos pequenos grupos” (Braga, 1996, p.37).

Rubem também estava no último ataque em Barga/Sommocolonia, porém, a crônica ficou toda desconfigurada porque a FEB teve um revés e a censura cortou tudo, de modo que não dava para entender tão bem o que ele queria dizer. Para denunciar veladamente a censura, ele enviou o texto, mesmo truncado, para a publicação e assinalou no título: “Em Barga”, assinalando a fatídica data da primeira derrota da FEB, 31 de outubro de 1944 (Braga, 1996, p.42 -45).

O mesmo aconteceu no primeiro ataque a Monte Castello, quando ele escreveu uma crônica de mais de 25 páginas e nada saiu, sumiram com o texto e nunca mais devolveram. O que ele pôde publicar foi só uma introdução do que era o ataque, mas nada mais do que isso (Braga, 1996, p.54-58).

Em outra crônica, intitulada “Um espião”, ele falou com um rapaz que foi pego por espionagem, porém, ele não publicou tudo dizendo que “(...) a metade do que ele me disse, do que se apurou a seu respeito, eu não contarei, de medo que a censura corte”. (BRAGA, 1996, p.60)

Em dezembro de 1944, na crônica “Partigiani”, ele mais uma vez optou por usar os guerrilheiros para fazer elogios disfarçados à esquerda italiana e em outros textos buscou hu-

manizar ao máximo os pracinhas, tornando-se abertamente anti-Vargas com o fim do DIP, mesma postura adotada por Joel Silveira.

Isso não era por acaso, pois os correspondentes da FEB viram no declínio daquele Estado Novo, a oportunidade que tanto queriam para falar as verdades que o Departamento lhes censurava, ainda mais estando em território internacional, onde as punições seriam mais difíceis de serem aplicadas.

Talvez a primeira crítica aberta a esse tipo de governo tenha se dado já após Monte Castello ser conquistado, em 21 de fevereiro de 1945. Na crônica “Menina Silvana”, em que Rubem fala de ter visto muita coisa errada na Itália e também no Brasil, enquanto andava fazendo reportagens pelo país. O jornalista defendia que as realidades eram igualmente cruéis com as crianças e mulheres. Ele comparou a menina Silvana, atingida por vários estilhaços de granada e sofrendo em uma mesa de cirurgia, com as pobres infâncias do nordeste brasileiro: “(...) meninas da Toscana, eu vi vossas irmãzinhas do Ceará, barrigudinhas, de olhos febris, desidratadas, pequenos trapos de poeira humana que o vento da seca ia tocar pelas estradas”, comparou. (BRAGA, 1996, p.154)

Mais para frente, no mesmo texto, ele falou que era preciso acabar com as guerras e principalmente “acabar com os homens que começaram isso e com tudo o que causa isso – o sistema idiota e bárbaro de vida social onde um grupo de privilegiados começa a matar quando não tem outro meio de roubar” (Braga, 1996, p.154), em uma crítica ao próprio capitalismo e aos meios autoritários de governo.

Em março de 1945, ele também estava com o major Oest, junto de Joel e Squeff. O trio se entendia ao falar de política no Brasil com o oficial, uma vez que Oest, da mesma forma que Egydio, tinha uma tendência mais ao comunismo, tanto que foi deputado depois pelo partido, em 1948

Porém, talvez a crônica que mais abertamente definiria os pensamentos de Rubem Braga, seria “O Cristo morto”, escrito em abril de 1945, quando ele foi visitar a pequena Capela de Ronchidoso, perto de Monte Castello/Gaggio Montano. Ali, em meio às imagens de santos despedaçados, ele viu uma imagem de um Jesus Cristo pendurado sem a cabeça e sem os braços, tendo a inspiração para escrever sobre a guerra de modo geral. E olhando o Cristo ele refletiu algo que poderia ser descrito como uma espécie de manifesto anti-guerra com teor socialista/comunista. O trecho mais direto do texto explicita:

Enquanto um homem for dono deste campo e mais daquele campo, e outro homem se curvar, jornada após jornada, sobre a terra alheia ou alugada, e não tiver de seu nem o chão onde vai cair morto – esperem a guerra. Ela explodirá – enquanto não explodir estará lavrando surda. O homem rico lutará contra outro menos rico que também quer ficar mais rico, ou não quer ficar ainda menos rico; e o homem pobre lutará por ele, ou contra ele. Lutará para não perder o pouco que tem, ou lutará porque não tem nada a perder. De qualquer modo haverá guerra – e os bonecos serão outra vez arrebetados e estripados. (BRAGA, 1996, p.221)

Depois veio a correria do final da guerra e Rubem manteve o estilo de escrita de valorizar os soldados e também os partigiani. Ele próprio foi ferido no último dia de combate, ao encontrar, em uma curva da estrada, um comboio de alemães que não sabiam do fim das hostilidades. O jipe em que estava, com Raul Brandão, um motorista militar brasileiro e mais

um partigiani saiu da estrada e ele teve uma entorse no dedão, enquanto Raul, idoso, quebrou a bacia e ficou mancando, andando com uma bengala, pelo resto da vida. Os outros dois tiveram apenas escoriações menos graves.

Depois do acidente, ele ainda chegou a tempo de prestigiar e sair na foto oficial da rendição do general Otto Fetter-Pico ao comando brasileiro, representado pelo general Olympio Falconiére da Cunha. Aquele Rubem idealista tinha deixado sua marca na história militar brasileira.

3.3 Egydio Squeff

A primeira reportagem de Egydio Squeff foi em 24 de outubro de 1944 e era um resumo geral da campanha brasileira na Itália pelos olhos de certo general Woolen, que estivera com o ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, visitando a front da FEB em companhia com o Chefe de Gabinete do Ministério da Guerra, João Bina Machado. É um texto grande, porém oficialismo, demonstrando que no começo, o tratamento com os correspondentes era mesmo protocolar e que a censura estava bastante afiada e desconfiada.

Porém, dois dias depois, como não eram de declarações de oficiais superiores, em 26 de outubro de 1944, Egydio já começou a escrever no estilo que o marcaria, escolhendo fontes que pudessem dar voz àquilo que ele mesmo pensava e criticava sobre o Varguismo, a defesa da democracia (como forma de criticar o Estado Novo) e a vida do homem simples que deixou tudo para trás para combater uma guerra que era do povo, que deveria ser decidida pelo povo, na visão do correspondente.

Foi assim que ele também entrevistou o cabo Carlos Scliar, que tinha a mesma vocação política dele, e soldados e oficiais que falavam em democracia o tempo todo e em derrubar o fascismo de toda forma. Uma declaração, por exemplo, que dava voz a esse sentimento, foi a do estudante de direito do último ano, George Avelino, que era cabo e dizia que “nós não vamos, nem queremos combater povos, nem também nações, mas unicamente os ditadores” (Squeff, 1944). Se no Brasil havia uma ditadura, o recado estava dado.

No dia 16 de novembro de 1944, além dos textos costumeiros de relatos dos brasileiros, sempre elogiosos à atuação da FEB (o que reforça o papel do Jornalismo como ferramenta de guerra psicológica em época de guerra), ele também deu voz pela primeira vez aos partigiani. Com isso, optou por abordar a guerra da mesma maneira que Joel e Rubem, usando os guerrilheiros como exemplos de bons valores, elogiando o soldado brasileiro, atacando o nazifascismo.

Os alemães foram os alvos preferidos dos ataques de Egydio Squeff, sempre mostrando de forma contundente como os inimigos eram humanos como quaisquer outros, que se rendiam e desertavam aos brasileiros, em uma busca constante de desmistificar a ideia de que os arianos eram soldados invencíveis, apresentado-os como pessoas normais com seus medos, e que eram fracos em sua força, não super-homens. Geralmente o texto vinha com uma manchete em negrito e destacada, como por exemplo, na edição de 28 de novembro de 1944, que dizia: “Mais prisioneiros alemães em poder dos soldados do Brasil”, ou no dia de 27 de novembro de 1944, com letras grandes em negrito: “Desertam os soldados de Hitler” (Squeff, 1944).

Porém nem tudo podia sair, como era esperado. Em edição de 12 de dezembro, referente a acontecimentos do dia 2 de dezembro (talvez o episódio de Casa Guanella, quando

uma patrulha alemã reforçada atacou um posto avançado brasileiro e quase o tomou, não fazendo porque não era aquela a missão). No texto de Squeff, ele dizia que os brasileiros tinham vencido “renhida da batalha”. Mas, é interessante que naquele período não havia acontecido nenhum combate de grandes proporções, a não ser Monte Castello, no dia 29 de novembro de 1944, o terceiro ataque, no qual os brasileiros haviam sido rechaçados pelos alemães. A matéria dizia que os brasileiros haviam feito “11 prisioneiros alemães sem nenhuma perda da nossa parte. No começo da batalha fizemos oito prisioneiros em ações de patrulha” (Squeff, 1944).

O comunismo ganhou espaço nas páginas de O Globo, na edição de 14 de dezembro, quando Egydio fez uma análise do cenário político italiano, dizendo que estavam bifurcados e que três partidos (ou opiniões) disputavam a mentalidade dos italianos, sendo que “comunistas afiguravam o mais forte, concentrando as principais simpatias da população libertadas” (Squeff, 1944).

Mesmo quando não queria ou não devia se posicionar tão claramente, Egydio, comunista ativo, quando viu a visita do Príncipe Humberto de Savóia à FEB, em 07 de janeiro de 1945, relatou o fato com as formalidades de uma visita protocolar, mas em uma linha ele entregou seu posicionamento, quando disse que após a visita, o governante italiano saiu em um veículo Sedan, que era tido como de luxo, e que ele tinha 45 títulos de nobreza, era alto, e tinha outras características, mas, que “politicamente bastava ler os telegramas que falavam sobre as agitações no país para entender que ele já não mandava mais em nada.” “Esta crônica não trata de política” (Squeff, 1945), assegurava em tom irônico ao se referir ao regime monárquico e deixando nas entrelinhas que o rei não tinha sido capaz de governar o território italiano, se tornando apenas uma figura alegórica.

Em 8 de janeiro, aconteceu um fato inusitado dentro de uma cobertura de guerra, com Squeff tendo sido citado nominalmente pelo ministro de Propaganda nazista, Joseph Goebbels, pela forma como vinha retratando os alemães, descrevendo-os como covardes e mesmo soldados fracos ou normais, como pessoas comuns que sangram e morrem. Egydio transcreveu a fala do Goebbels, como forma de demonstrar que o trabalho da imprensa já tinha chegado à Alemanha e estava incomodando (Squeff, 1945).

É interessante que o correspondente também elogiou Roosevelt, quando falou das quatro liberdades e que elas eram condição para o fim da guerra. Joel e Rubem também falaram do presidente americano, mostrando que o líder, por mais que fosse do campo liberal, tinha a simpatia e era visto como alguém que agregava e unia os esforços de guerra aliado, inclusive entre as alas mais à esquerda. A primeira menção ao líder americano aconteceu em 9 de Janeiro de 1945.

Porém, essa liberdade de escrever as próprias impressões também intercalada com a publicação de textos de cunho mais oficiais e representava a maneira encontrada pelo jornais e jornalistas, para equilibrar o noticiário, como por exemplo o texto de 15 de janeiro, quando a matéria de Egydio foi um elogio a Mascarenhas de Moras e Zenóbio da Costa, com palavras deles na íntegra para os soldados brasileiros (Squeff, 1945). Claramente era um texto que carregava em si as características de um texto de assessoria, fugindo um pouco do estilo de Squeff, de observar e relatar opinando, mas também mostrando que o correspondente tinha aceitado o jogo para continuar fazendo parte dos aliados do comando brasileiro.

Os despachos do correspondente a respeito da guerra, com destaque para Monte Castello e Castelnuovo di Vergato, prosseguiram em fevereiro e março, sendo que o Estado

Novo já estava abalado, como citado neste trabalho, desde fevereiro, e em março, já deixava sinais de que a censura seria banida em questão de semanas. Foi então, que no dia 10 de março, o correspondente de O Globo escreveu no subtítulo de sua matéria “Novo avanço das tropas do Brasil em direção a Bolonha!”, que “estavam entusiasmados os nossos soldados com as notícias sobre a democratização do país - constituíram um estímulo para outras vitórias” (Squeff, 1945).

Desse momento em diante, as crônicas de Egydio ficaram ainda mais abertas quanto às críticas ao governo Vargas. O major Oest, comunista como Egydio, ganhou destaque na edição de 16 de março, quando Egydio, Joel Silveira e Rubem Braga estiveram no posto de comando da FEB, em Torre di Nerone.

Um código foi mandado em meio às linhas escritas na visita. “Despeço-me, prometendo voltar dentro de dois dias. Henrique Oest pede-me para mandar suas saudações ao pessoal da Liga de Defesa Nacional” (Squeff, 1945). A Liga de Defesa Nacional foi o baluarte anti-Vargas onde se comungavam os discordantes do regime, independentemente da coloração partidária. Ali também estavam os comunistas infiltrados, conforme Jacob Gorender (Costa e Pimentel, 2023, p.27).

Kardec Leme, outro comunista destacado que compôs a FEB, lembra que o Manifesto dos Oficiais da FEB contra Vargas e pela redemocratização, foi enviado justamente para a Liga de Defesa Nacional.

(...) Aquele manifesto foi elaborado na Itália e o cara que nos orientou era Coronel, era civil feito Coronel, que dirigia o Banco do Brasil na Itália. Ele que era o cara que organizou tudo, pôs em letra de fôrma e nós, então, pegamos as assinaturas de muitos oficiais de várias áreas, no front e na retaguarda, as assinaturas que estão lá e, depois, agora, aqui no Brasil, eu coloquei um pinguinho vermelho em todos que eram comunistas. Era um grupo já bem interessante, mais ou menos uns 20 que eram do partido mesmo, que estavam lá por indicação do partido. Eram oficiais militares (...). (LEME, 2013, p. 17)³

O próprio jornal O Globo publicou um editorial, no dia 17 de março de 1945, em que expunha todos os seus descontentamentos contra o DIP e em que revelava que havia matérias de Egydio que sequer eram publicadas. “Podemos agora afirmar, com segurança, que a má vontade dos sensores do DIP para com os despachos do correspondente de guerra Squeff constituiu um verdadeiro desserviço ao Brasil”. (Disponível também em Squeff, 1945)

O jornal O Globo, de 26 de março de 1945, traz uma crônica sobre os partigiani, e nela Egydio usou os mesmos artifícios de elogiar os guerrilheiros para não precisar expor diretamente seus pensamentos.

Em 2 de abril, após uma série de notícias sobre visitas ao front da FEB, Squeff interpelou Osvaldo Cordeiro de Farias, comandante da Artilharia da FEB, se ele seria candidato à presidência, ao que ele simplesmente disse que não, que só havia ligado para o Rio de Janeiro, mas não confirmou se tinha falado com Getúlio Vargas e se eram assuntos políticos, o que ele negava. No entanto general Olympio Falconieri, sorrindo, disse: eis o Tertius (Squeff, 1945). Fazendo referência ao escriba romano que ajudou nas cartas de Paulo no novo testamento,

3. LEME, Kardec. *Kardec Lemme*, Comissão Nacional da Verdade, 2013, p. 15. Disponível em: <https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/Kardec_Lemme_-_RDK_19.06.2013.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021, p. 17.

dando a entender que Osvaldo Cordeiro de Farias era o portador de notícias para o Rio de Janeiro. Ou seja, Egydio já tinha compreendido que a guerra havia influenciado a política brasileira e que os generais da FEB desempenhariam algum papel de destaque depois do conflito, entre eles, Cordeiro de Farias, que não ocupou cargos executivos, mas, que foi uma pessoa muito importante para a vida política do país no pós-guerra, estando envolvido quase todos os golpes ou tentativas de golpes que foram feitos com a ajuda da caserna.

A denúncia mais forte contra o Estado Novo, da parte de Egydio, veio na reportagem do dia 18 de abril, com o título: “Derrota do fascismo em dois campos distintos”, tendo como subtítulo: “Impossível a separação da FEB, da transformação política que vem passando nosso país” (Squeff, 1945).

A crônica faz um comparativo entre a luta dos soldados e a luta do povo brasileiro, que às vezes era incompreendida pelos aliados, uma vez que o Brasil lutava contra o fascismo e ditaduras, e que vivia em uma ditadura também.

Ele comparava a volta da democracia no Brasil ou pelo menos a expectativa da volta, aos combates em torno de Monte Castello e dizia que e que a coincidência do fim do Estado Novo não era por acaso, pois, a vitória na Itália pertencia aos “soldados do povo” e que tinha sido o “povo que conquistou a vitória sobre a reação, dentro do Brasil. Os ventos que hoje varrem nessa frente de batalha nos Apeninos são os mesmos ventos das nossas terra” (Squeff, 1945).

As últimas reportagens com teor político de Egydio, datam de 29 de maio de 1945, quando a guerra já tinha acabado, e ele mostrava o cenário político na Itália em grande confusão, com partidos socialistas e comunistas brigando entre si e contra partidos de forças católicas e mesmo simpáticos ao regime monárquico. Na reportagem, ele mostrava o cenário, mas, reclamava da perseguição das autoridades aliadas aos líderes da esquerda italiana (Squeff, 1945).

No mês seguinte, em 8 de junho de 1945, ele mais uma vez reclamava, desta vez, da prisão do líder socialista Pietro Nenni, que foi entrevistado por Egydio em uma reportagem de várias colunas (Squeff, 1945).

A continuação foi dada no dia 9 de junho de 1945, com a manchete: “Exigem a substituição do atual governo italiano”, e subtítulo “Socialistas e comunistas trabalham fortemente unidos, pleitando também a imediata a convocação de uma constituinte” (Squeff, 1945).

Tais textos eram possíveis graças ao final do conflito para a FEB (30 de abril de 1945) e na Itália (02 de maio de 1945) e ao desmanche do DIP, em fins de maio. Isso possibilitava a Egydio e autorizava O Globo a darem vazão aos ideais de esquerda, falados pela voz a líderes de esquerda italianos.

Da mesma forma, no dia 22 de junho de 1945, Egydio denunciava em uma grande manchete: “Os fascistas continuam nas forças armadas na polícia da Itália!”. No subtítulo ele continuava: “clamam os jornais da esquerda contra a estranha situação e exigem depurações urgentes” (Squeff, 1945). A denúncia do brasileiro não era vazia, pois aconteceu que na Itália, muitos dos antigos fascistas foram cooptados pelos Aliados para trabalhar em conjunto com as forças de ocupação (justamente para evitar uma ascensão da esquerda italiana), ou se disfarçaram e se mantiveram em suas posições no pós-guerra, sobre vista grossa dos americanos e ingleses.

Da mesma forma, sempre atento, em 4 de julho de 1945, a reportagem dizia que as eleições da Inglaterra eram decisivas e que o partido conservador de Winston Churchill deveria ser derrotado (Squeff, 1945), o que de fato aconteceu. Aquela foi a última reportagem de Egydio como correspondente na Europa, pois, depois disso, ele voltou para o Brasil, tendo chegado no dia 27 de julho de 1945.

Considerações finais

Para entender os textos publicados pelo trio de jornalistas, se faz necessário compreender os meandros da profissão já naquele contexto. As teorias da comunicação ainda estavam engatinhando na época da guerra, mas, hoje podem nos oferecer parâmetros para analisar o trabalho de Joel, Rubem e Egydio.

Deve-se partir da premissa que os profissionais da notícia, de modo geral podem trabalhar os fatos, aplicando neles a própria cosmovisão. É uma superação da já ultrapassada teoria de que o jornalismo é um espelho da realidade, passando a enxergá-lo como fruto do trabalho de alguém cuja visão de mundo, formação pessoal e ideológica afetam diretamente a própria abordagem profissional.

Faz mais sentido utilizar como bases teóricas, os conceitos de valores-notícia, rotinas produtivas e gatekeeping, que juntas ajudam a explicar, ao menos em parte, a complexa relação entre quem o jornalista é e como isso o afeta em seu trabalho. Conforme aponta Traquina (2008), citando Stuart Hall, os valores-notícia funcionam como um “mapa cultural do mundo social”, um guia que busca, em última análise, ressaltar aquilo que foge à dita normalidade e fazem com que um fato se torne algo singular. Logo, desse ponto de vista, o jornalista trabalharia não com o contexto amplo, mas, com as singularidades, com recortes da realidade percebida e externalizada por ele.

Alguns dos valores-notícia que ajudariam o jornalista no processo de seleção, foram sistematizados por Galtung e Ruge (1965), Ericson, Baranek e Chan (1987) e Wolf (2003), que apontaram elementos recorrentes como negatividade, inesperado, personalização, referência à elite e dramatização. Dito isso, é possível afirmar que todos são fatores subjetivos e que, portanto, é de se esperar que haja certa parcialidade nos textos dos jornais.

E a construção educacional, pessoal, profissional do jornalista, podem acentuar essa subjetividade apontada. No caso de Joel, Egydio e Rubem, suas trajetórias de vida e de militância, por exemplo, já seriam suficientes para explicar a presença em seus textos, de referências à temas progressistas ou o combate ao Governo Vargas, conservador e inimigo declarado das esquerdas. Rubem, inclusive, foi perseguido pelo Estado Novo. Porém, deve-se levar em conta que eles estavam inseridos em um mercado capitalista e que estiveram sujeitos a normas para publicação de seus conteúdos, entrando nesse ponto o conceito clássico de gatekeeper, originado nos estudos de Kurt Lewin, em 1947, e aplicado ao jornalismo por White, em 1950 (Wolf, 1999, p.78).

Segundo essa corrente de pensamento, o jornalista é o primeiro “porteiro”, do que entraria ou não no noticiário, vindo em seguida um decisor (ou decisores) para autorizar se a publicação seguirá em frente ou não. Podem fazer parte desta segunda linha deliberativa, os editores, chefes de redação e, em última instância, os proprietários do veículo de comunicação,

que certamente levarão em conta a linha editorial e, porquê não, a própria bagagem cultural e de formação que trazem consigo.

Em meio a este processo de escolha humana, outros fatores também podem ter influência sobre como uma notícia é divulgada ou não. Gadini (2007) elenca fatores como o tempo de fechamento, a qualificação profissional e, de forma mais direta, a orientação editorial da empresa, que também seriam filtros aplicáveis ao trabalho jornalístico.

Com tantos recursos agindo diretamente sobre o trabalho do profissional da notícia, o contexto e as circunstâncias se tornam decisivos para a ação jornalística, o que inevitavelmente acarretará em uma subjetividade na divulgação dos fatos.

Em um grau maior ou menor, o subjetivismo estará presente, acrescido, muitas vezes, dos interesses de quem controla o meio de comunicação financeiramente ou politicamente, cabendo ao jornalista escolher o estilo a adotar, as palavras a utilizar e o enquadramento com o qual trabalhará, e a um decisor ou decisores, se haverá aceite ou não do resultado final, a notícia, para publicização.

Por coerção ou consenso, a visão jornalística estará alinhada ao poder institucional, seja por necessidade, seja por cumplicidade (natural ou provocada).

Com os correspondentes da FEB, não era diferente. As visões de mundo mais à esquerda de Egydio, Joel e Rubem, se chocavam com a realidade da natural censura de campo da FEB e do Governo brasileiro, representado pelo DIP. Some-se a isso que os jornais nos quais eles trabalhavam também estavam ligados por laços políticos, comerciais e financeiros ao governo, pois, dependiam dele para obter papel jornal ou mesmo recursos em forma de patrocínios e publicidade.

Logo, os textos anti-Vargas, quando começaram a ser publicados, tiveram anuência dos editores e donos de jornais, em uma clara quebra de contrato (real ou tácita), passando da subserviência forçada ou oportuna, a críticas veladas e diretas ao Estado Novo. Joel, Rubem e Egydio souberam aproveitar a oportunidade que se apresentou nas últimas semanas do Estado Novo, para de maneira firme apresentarem seus pontos de vista contrários ao regime, ao mesmo tempo em que podiam fazer um certo proseletismo político de seus ideais socialistas e comunistas, sempre dentro da margem do que lhes era permitido, usando fontes que professavam as mesmas ideologias deles ou elogiando os partigiani, por exemplo.

Ora, conforme as teorias apresentadas, os textos negativos à Vargas, ao nazifascismo e mais à esquerda, só foram possíveis porque a censura da FEB permitiu, porque os jornais não viram problema e porque o DIP já estava sem forças para reagir. Tais fatos nos levam a pensar que todos os envolvidos, de alguma forma aceitaram as condições políticas e profissionais que se apresentaram. Os jornalistas se viram autorizados o escreverem com mais liberdade do que de costume e os censores ou concordaram ou se viram sem forças para reprimir, ao passo que os jornais viram no trabalho dos correspondentes a chance de golpear o já cambaleante Estado Novo, ainda que isso implicasse divulgar ideais mais progressistas dentro de suas linhas editoriais costumeiramente mais conservadoras. Todos os lados cediam como podiam e o front da FEB se viu transformado e utilizado para lutas políticas que se davam do outro lado do Oceano, no Brasil.

Foi um recorte daqueles dias e uma situação diferenciada, mas, não atípica, do uso do jornalismo como arma de guerra psicológica. E nesse embate, os jornalistas combateram em dois fronts: contra Vargas e contra o nazifascismo diário na Itália. Venceram nos dois.

Referências bibliográficas

- BRAGA, Rubem. **Crônicas da Guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.
- COSTA, Helton & PIMENTEL, Carlos Henrique. **Dever e honra**: veteranos da FEB legalistas e militantes de esquerda contra ditaduras e golpes no Brasil – 1945-1995– Curitiba: Matilda Produções, 2022.
- COSTA, Helton. **Crônicas de Sangue**: jornalistas brasileiros na II Guerra Mundial. Ponta Grossa: Motres, 2019.
- COSTA, Helton. **No alvo**: reflexões sobre o uso do Jornalismo como mercadoria e arma de desestabilização social – Curitiba: Matilda Produções, 2024.
- FERRARI, Danilo Wenseslau. **A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- Fundação João Mangabeira, 2011. Disponível em <https://www.fjmangabeira.org.br/fragmentos-da-historia-do-partido-socialista-brasileiro-psb/>. Acesso em 14 de out. de 2025.
- G1 (2007). **Joel Silveira morre no Rio aos 88 anos**. Disponível em <https://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL88337-5606,00.html>.
- KNIGHTLEY, Phillip. **A primeira vítima**: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978
- MASCARENHAS DE MORAES, João Batista. **A FEB pelo seu Comandante**. São Paulo: Ipê, 1947
- MORAES NETO, Geneton & SILVEIRA, Joel. **Hitler/Stalin**: o pacto maldito. Rio de Janeiro: Record, 1990
- PORTARI, Douglas. **Repórter velho de guerra** (2005). Disponível em <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/marcha-do-tempo/reporter-velho-de-guerra/> . Acesso em 14 de out. de 2025.
- SANDER, Robert. **O Brasil na mira de Hitler**: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007
- SILVEIRA, Joaquim Xavier. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989
- SILVEIRA, Joel in GEGANI, Cristina. **A víbora vai à guerra e se emociona**. Revista Esquinas de S.P. Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero nº19, de setembro de 1999.
- SILVEIRA, Joel. **Histórias de pracinhas**: reportagens. Rio de Janeiro: Leitura, 1945.

SILVEIRA, Joel. **Na fogueira**: memórias. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 1998.

SILVEIRA, Joel. **O inverno da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

SQUEFF, Egydio (1945). **Reportagens Squeff_O Glogo convencional**. Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1jLl6C94eQ_iEulpAiipoNy1PsaovVM1Y. Acesso em 14 de out. de 2025.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular. 2 ed. 2008

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1999.